

ANTES DE TERMINAR

REGIONALIZAÇÃO: repensando a UNIR

É possível se pensar a feição de uma universidade, a partir de três pontos, principalmente: a partir de sua localização (de sua "geografia"); a partir de sua história (momento de criação, circunstâncias); e a partir daquilo em que se tornou, enquanto realidade e possibilidade. E é sobre esse confronto - realidade/possibilidade - que me cabe opinar e sugerir.

Entendo que uma universidade de fronteira seja diferente, em essência, de outras universidades aleatoriamente localizadas, quer dizer, UNIR, UFAC, Universidade do Amazonas e Universidade de Roraima possuem características próprias que exibem certa obviedade. Contudo, também o óbvio carece de demonstração, principalmente quando o traço ideológico é forte e suficiente para inebriar os sentidos e alterar a percepção da realidade circundante. Nesse processo distorcido, a burocracia se transforma em magia (algo para iniciados) e a técnica em ciência.

Perífrases e metáforas à parte, causa-me espanto e desconcerto o Curso de Letras da UNIR não dispor da oferta de Língua Espanhola e Literatura Hispano-americana. Pode-se compreender que a Unir seja uma universidade "nova", em fase de estruturação, etc., mas, não se pode aceitar que o curso de língua espanhola seja cogitado, apenas, no bojo do projeto de expansão das Letras, como um todo, conforme o que foi ventilado numa reunião de professores com a alta direção da universidade, sabendo-se que, além de "nova", é incipiente, quanto a recursos financeiros. Seria improdutivo, portanto, do ponto de vista cultural, dispersar recursos com a implantação de novos cursos, quando a realidade aponta para a **priorização** da língua espanhola e das literaturas correspondentes nos cursos da UNIR. Talvez se devesse observar o exemplo de Roraima, cuja universidade, recém-criada, já dispõe do curso de espanhol e, no período corrente, realiza concurso público para prover o curso de profissionais.

Ignorando a prioridade do espanhol, a UNIR forma alunos, mas, cidadãos não plenos. Fadados ao desconhecimento da americanidade, assumem classes como professores apenados e a vida sem textura de identidade.

Lembro a todos o caráter singular do ser americano, que é regido pelo padrão ibérico. No atual estado de coisas, ignora-se um conjunto de vinte e um países - ignora-se, portanto, uma língua falada por mais de trezentos e cinquenta milhões de pessoas; ignora-se a alta qualidade da literatura produzida nesses países; e ignora-se, em particular, e a despeito da geografia mais elementar, o derredor hispano que esbarra em todo o contorno oeste do Brasil, especialmente, o da Região Norte.

A UNIR já foi considerada, pelo MEC, a universidade "menos qualificada" (sem este eufemismo seria "a pior") do país. Não correria o risco de se tornar, também, risi-

vel, nacionalmente, justo por insistir numa formação descontextualizada de seus acadêmicos? E, nesse caso, não estaria já sob suspeição o sentido dessa formação?

Já que o espanhol não foi considerado na implantação de um curriculum mínimo, por ocasião da criação da UNIR, que seja considerado agora, pela atual administração. Sentir a realidade é uma questão de talento, diz Ingmar Bergman. Antes tardar, diz-se aqui.

Por último, uma digressão filosófica, na tentativa de fazer refletir a todos os interessados nos destinos da UNIR; “Ó cidades do mar, vejo em vós, vossos cidadãos, homens e mulheres, braços e pernas estreitamente atados em sólidos laços por pessoas que não entenderão jamais vossa linguagem e não podereis exalar senão para vós mesmos, por lástimas chorosas, lamentos e suspiros, vossas dores e vossa tristeza da liberdade perdida. Pois aqueles que vos têm atados não compreenderão vossa língua, assim como tampouco as compreenderéis”. (Leonardo DA VINCI)

Graça Teixeira
Prof.^a de Teoria Literária da UNIR